

A POSIÇÃO METAFÍSICA FUNDAMENTAL E O DESDOBRAMENTO DA QUESTÃO DIRETRIZ DA METAFÍSICA SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER

THE METAPHYSICAL FUNDAMENTAL POSITION AND THE EXPLORATION OF THE GUIDING QUESTION OF METAPHYSICS ACCORDING TO MARTIN HEIDEGGER

*Eduardo Quelis de Souza*¹

Resumo:

Este artigo pretende investigar e circunscrever os conceitos heideggerianos de “posição metafísica fundamental” e “questão diretriz da metafísica” bem como o que significa o desdobramento desta última. Para tanto, nos aproximamos da metafísica compreendida a partir do primeiro início do pensamento filosófico ocidental como a pergunta pelo princípio de todas as coisas (ἀρχή), questão que torna visível o ente enquanto tal e na totalidade e o faz a partir do próprio domínio ôntico do ente segundo Heidegger. Neste ponto, adentramos no esclarecimento daquilo que é a questão diretriz da metafísica (o que é o ente?) e naquilo que caracteriza a posição metafísica fundamental (a ausência de desdobramento da questão diretriz). Isto posto, partimos para a investigação do que Heidegger compreende como a necessidade de desdobramento da questão diretriz da metafísica. Mostramos que a questão diretriz devidamente desdobrada traz à luz uma questão mais originária que a suporta e a conduz: a questão fundamental da metafísica (o que é o ser?). Por fim, e não menos importante, assinalamos que a questão fundamental da metafísica é também a pergunta por aquilo que funda a possibilidade interna da abertura do ser, caminho que nos conduz até a transcendência do *Dasein* humano.

Palavras-chave: Heidegger. Dasein. Posição metafísica fundamental. Questão diretriz da metafísica. Questão fundamental da metafísica.

Abstract:

This article intends to investigate and circumscribe the Heideggerian concepts of “metaphysical fundamental position” and “guiding question of metaphysics” and what the exploration of the latter means. To do so, we approach the metaphysics understood from the first beginning of Western philosophical thought as the question for the principle of all things (ἀρχή), a question that makes visible the beings as such and in totality and does so from the ontic domain of beings according to Heidegger. At this point, we enter into the clarification of what is the guiding question of metaphysics (what are beings?) and what is the metaphysical fundamental position (the lack of exploration of the guiding question). That said, we set out to investigate what Heidegger understands as the need to explore the guiding question of metaphysics. We show that the guiding question duly explored reveals a more original question that supports and leads it: the fundamental question of metaphysics (what is being?). Finally, and not least, we point out that the fundamental question of metaphysics is also the question of what founds the internal possibility of the openness of being, a path that leads us to the transcendence of human *Dasein*.

Keywords: Heidegger. Dasein. Metaphysical fundamental position. Guiding question of metaphysics. Grounding question of metaphysics.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: eduardo.quelis@outlook.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8739-6156>, Link para Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8778931316210640>

Introdução

Heidegger nos diz que o ser permaneceu impensado na metafísica e que, portanto, a história da metafísica se trata da história do esquecimento do ser metafísico (*essenheit*). Tal esquecimento repousa no fato de que o questionar metafísico, desde Platão e Aristóteles, se deu no horizonte de uma diferenciação entre ser e ente que considerou o ente como “o mutável e o em movimento” e o ser como o “ser em repouso”, isto é, como permanência constante (HEIDEGGER, 2008, p. 406). Essa diferenciação, ao confundir a diferença ontológica entre ser e ente com uma diferença ôntica entre regiões de entes (o empírico e o transcendental), encobriu o caráter não-ôntico do ser, ou melhor, encobriu o ser ele mesmo. Nesse movimento da metafísica o ser foi concebido a partir do ente, ou melhor, o ser foi compreendido na medida do ente e pensado como aquilo que há de mais entitativo: a entidade (*Seiendheit*).

Nas diferentes épocas da história da metafísica o ser do ente, interpretado à luz do conceito de entidade, foi determinado ora como *ἰδέα*, ora como *οὐσία*, ora como *essentia*, ora como subjetividade, etc. Entretanto, para Heidegger, essas diversas configurações apontam um e mesmo acontecimento. Tal intelecção é o ponto norteador para delimitarmos uma discussão em torno da essência da metafísica como a história de posições fundamentais no interior do primado do ente e uma análise sobre o âmbito não explorado desse primado. Neste sentido, com o propósito de cingirmos a posição fundamental e o elemento propriamente metafísico da metafísica bem como uma devida exposição do domínio “não explorado” do modo de questionamento metafísico, designaremos nos próximos dois parágrafos uma breve descrição dos principais pontos que acompanharemos no presente escrito e que retratam em linhas gerais uma reflexão do pensamento heideggeriano referente ao período da década de trinta.

No primeiro tópico deste texto, expomos o significado do conceito de “posição metafísica fundamental” (*die metaphysische Grundstellung*) e o que se expressa com o termo “questão diretriz da metafísica” (*Leitfrage*) segundo Heidegger. Para tanto, nos aproximamos de maneira esquemática da metafísica como o modo-de-questionar que possui o ente como seu estabelecimento. Tal concepção nos apresenta ao mesmo tempo a questão diretriz como tarefa que conduz os passos do pensamento filosófico ocidental. A partir disso, examinamos a definição de posição metafísica fundamental como aquela posição onde a questão diretriz permanece impensada, ou seja, onde a questão não é ela mesma colocada como questão e, por isso, mantida no domínio do esquecimento do ser.

No segundo tópico deste artigo, analisamos o desdobramento da questão diretriz na questão fundamental da metafísica. Apontamos que o modo-de-questionar não desdobrado da metafísica não só possui o ente como ponto de partida, mas também como direção, pois a questão diretriz tem por base uma questão mais originária: a questão fundamental da metafísica (*Grundfrage*) que pergunta além do ente pelo ente em seu ser (entidade). Em seguida, mostramos que a questão diretriz devidamente desdobrada nos revela que mesmo em meio à entificação do ser (lê-se: esquecimento do ser) ainda é o ser mesmo que para no pensamento humano à medida que o questionamento em direção ao ser do ente demonstra uma peculiar proximidade com o nada enquanto o não-ente. Por fim, todo esse percurso nos conduz à relação entre a ultrapassagem do ente (a metafísica) e o ultrapassante: a transcendência do *Dasein* e a diferença ontológica. Aqui a

questão pelo ser do ente se mostra como a pergunta por aquilo no que se funda a possibilidade da abertura do próprio ser.

A posição metafísica fundamental e a questão diretriz da metafísica

Pensar a essência da metafísica, isto é, o que faz com que a metafísica se mostre enquanto metafísica, significa colocar em questão a posição metafísica fundamental da filosofia ocidental que vige na história do pensamento desde a Grécia Antiga. O primeiro passo desse caminho é identificar o que propriamente diz o termo “metafísica” no interior do dito “posição metafísica fundamental”. Somente a partir disso é admitido clarificar o que é uma “posição fundamental” e aquilo que ela implica na essência da metafísica visto que a “metafísica” considerada em si mesma não designa um tipo singular de posição fundamental, mas “[...] o domínio que só desdobra como um domínio metafísico por meio da articulação de uma posição fundamental.” (HEIDEGGER, 2014a, p. 316). Metafísica e posição fundamental, a título de esboço do que será abordado neste texto, respectivamente dizem respeito a um modo possível de se perguntar pelo ente (e pelo ser do ente) e aos modos particulares de resposta manifestados na história do pensamento ocidental. Somente a partir do esclarecimento desses conceitos podemos articular o que quer dizer posição metafísica fundamental.

Como referido no parágrafo anterior, a caracterização inicial do conceito de posição metafísica fundamental requer uma escuta atenta da palavra “metafísica”. Esse ponto de partida, conforme menciona Heidegger em um de seus escritos publicados, intitulado *Nietzsche I* (1936/39), assinala um fato ao ouvinte da questão:

“Metafísica” é o título para a esfera das questões propriamente ditas da filosofia. Na medida em que essas questões são muitas, elas são guiadas por uma única; como vinculadas a essa questão, elas são, em verdade, apenas *uma* questão. Toda e qualquer questão, mas, sobretudo, a questão única da filosofia, sempre traz também a si mesma ao mesmo tempo como questão para o interior da claridade por ela obtida. É por isso que o questionar inicial do grande início da filosofia ocidental já possui um autoconhecimento. Esse saber intrínseco ao questionar filosófico acerca de si mesmo se determina primeiramente por meio do ato de circunscrever e conceber aquilo pelo que pergunta. A filosofia pergunta pela ἀρχή. (HEIDEGGER, 2014a, p.318)

A ἀρχή é aquilo que se traduz por “princípio” (*Prinzip*). A filosofia pergunta pelo princípio das coisas. Porém, não se trata de qualquer princípio, “ἀρχή - ἀρχειν significa começar [*beginnen*] e, ao mesmo tempo, encontrar-se no começo [*Beginn*] de tudo, dominar [*herrschen*].” (HEIDEGGER, 2014a, p. 318). A pergunta pelo princípio é também a pergunta pelo fundamento. Segundo Heidegger (HEIDEGGER, 2014a, p. 318), essa relação entre ἀρχή e fundamento indica “desde onde” e “em relação ao que” buscamos o princípio. Essa busca não diz respeito a algo estranho, distante ou até mesmo oculto, mas sim àquilo que está mais próximo e é para nós o mais familiar: o ente (*Seiend*)². Isso significa que a pergunta pela ἀρχή se dá desde o ente e em relação ao ente. Contudo, o ente – visto a partir de um olhar que o generaliza – aparece na pergunta pela ἀρχή enquanto o ente na totalidade (*das*

² Ente é tudo aquilo que possui ser. Ilustra-se o conceito por meio de uma passagem de *Ser e Tempo* (1927): “Ente é tudo aquilo de que discorremos, que visamos, em relação a que nos comportamos desta ou daquela maneira; ente é também o que somos e como somos nós mesmos” (HEIDEGGER, 2014b, p. 45).

Seienden im Ganzen).³ Assim, com o começo da filosofia enquanto interrogação pela ἀρχή “o ente na totalidade se tornou agora pela primeira vez visível enquanto ente e na totalidade.” (HEIDEGGER, 2014a, p. 318).

Na estrutura da pergunta pela ἀρχή o ente na totalidade é pensado na sua apresentação (*Anwesenung*) em direção ao desvelamento: “Denominamos o começo do brilho do Sol o nascer do Sol. De maneira correspondente, tomamos a emergência do que se apresenta enquanto tal como nascimento.” (Heidegger, 2014a, p. 318). O que se encontra em questão é o movimento de o ente vir à presença interpretado enquanto nascer, afinal, a pergunta pelo princípio já sempre pressupõe o principiar, isto é, o fato de algo nasce e começa. Neste sentido, a pergunta pela ἀρχή do ente na totalidade – ou ainda, a pergunta pelo seu nascimento – atravessa o ente em sua constituição (naquilo que ele é) e no modo como ele se apresenta enquanto tal (no modo como ele é). Isto significa que a pergunta pelo nascer do ente na totalidade é também uma pergunta pelo domínio (*Herrschaft*) do ente, quer dizer, pela disposição (*Verfügung*) do ente enquanto aquilo que dispõe e ocupa de antemão o primado na pergunta pela abertura e desvelamento do próprio ente. Pois, na pergunta pela ἀρχή o princípio, na medida em que prepara e abre caminho para algo, já se encontra além do que dele procede de modo que o condiciona e o domina. Por isso, segundo Heidegger, ao pensarmos o nascimento e a apresentação do ente em direção ao desvelamento ocorre que:

[...] podemos formular a questão da filosofia como a questão sobre a ἀρχή do seguinte modo: o que é o ente, uma vez que ele é visto como ente: τί τὸ ὄν ἢ ὄν; *quid est ens qua ens?* Depois de determinamos o modo de colocação da pergunta dessa maneira, ela pode ganhar uma formulação mais simples: τί τὸ ὄν; o que é o ente? Colocar essa questão, encontrar para essa questão assim colocada e assegurada a resposta, é a primeira tarefa propriamente dita da filosofia – é πρώτη φιλοσοφία. Com a circunscrição da pergunta da filosofia no sentido da pergunta “τί τὸ ὄν”, a filosofia ocidental alcança em seu início a sua conclusão essencial. [...] na medida em que o ente é colocado em questão em vista da ἀρχή, o ente mesmo já é determinado. (HEIDEGGER, 2014a, p. 319)

A pergunta pela ἀρχή questiona o que é o ente. Pergunta-se pelo ente e, a propósito, enquanto tal, tendo em vista o fato de que o ente enquanto um ente em geral em sua *essentia*. Por isso na expressão “enquanto tal” da pergunta pelo ente, conforme Heidegger (2012, p. 51), “[...] abstrai-se do respectivo caráter objetivo e particular. Pergunta-se sobre aquilo que advém ao ente em geral em sua dimensão mais universal possível.”⁴ Essa questão, que também pode ser formulada de modo

³ De acordo com Heidegger: “usamos a expressão [ente na totalidade] a fim de denominar inicialmente tudo o que não é pura e simplesmente nada; a natureza, o inanimado e o vivente a história, suas produções, seus configuradores e promotores, Deus, os deuses e os semideuses. Também denominamos ente o que vem a ser, o que surge e perece. Pois ou bem ele já não é mais ou ainda não é o nada. Também denominamos ente a aparência, a semblância, a ilusão e o falso. Se estes não fossem entes, não poderiam iludir nem nos deixar perplexos. Tudo isso é pensado concomitantemente na expressão ‘o ente na totalidade.’” (2014a, p. 192)

⁴ “Essa expressão ‘enquanto tal’ é a tradução do latim *ut tale, qua tale*, usada na metafísica da Idade Média tardia, que corresponde ao ἕ da Antiguidade. Ela significa que aquilo ao que ela é acrescentada – a mesa enquanto mesa – não é pura e simplesmente objeto de uma apreensão, de uma opinião, de uma valoração ou de uma manipulação, mas que a mesa enquanto tal, isto é, na medida em que ela é uma mesa, deve ser tomada com vistas ao seu ser mesa. O ser mesa da mesa anuncia pela primeira vez aquilo que a mesa é, o seu ser-o-que [*Was-Sein*], a sua essência [*essentia*].” (HEIDEGGER, 2012, p. 50)

mais simples como “o que é o ente?”, antes mesmo de dar sua primeira resposta, dispõe de antemão de uma interpretação que compreende e determina o ente em geral como o “nascente”, quer dizer, enquanto aquilo que se apresenta e vige a partir do seu nascimento. Segundo Heidegger (2014a, p. 319), o viger nascente é denominado pelos gregos φύσις. Porém, φύσις não significa simplesmente “natureza” – como habitualmente se traduz em referência ao latim *natura* –. A φύσις, insiste Heidegger, tem o sentido do “surgir emergente, que brota” (1999, p. 89).⁵ “Φύσις” se trata do modo como os gregos experimentaram de maneira imediata e arrebatadora o desvelamento do ente na totalidade no primeiro início (*Anfang*) da filosofia ocidental: enquanto o que sempre está se formando e esvaecendo por si mesmo e como a vigência do vigente (HEIDEGGER, 2011, p. 42-43).

Conforme Heidegger, o conhecimento que pensa o ente à luz da φύσις é concebido como έπιστήμη φυσική, ou simplesmente, física. Contudo, a φυσική não se refere à física dos nossos tempos que se encontra no campo das ciências positivas ou ciência dos fenômenos naturais. A φυσική, em sua significação originária, “é a perspectiva e a circunspeção no interior do ente na totalidade, uma perspectiva e circunspeção que sempre vêm acompanhadas pela visada definitiva em direção à άρχή.” (HEIDEGGER, 2014a, p. 320). Neste sentido, a φυσική é o saber cuja estrutura já se posiciona além de uma ciência de fenômenos bem como de uma ontologia regional específica visto que se determina pela tentativa de alcançar o princípio, ou ainda, o fundamento derradeiro do surgir do ente enquanto tal e na totalidade. Assim, na qualidade de meditação sobre a φύσις, a palavra φυσική não se refere à investigação de um âmbito da realidade concreta (como fazem a biologia, a geologia, a astronomia e etc.) e nem à determinação-de-ser do ente de um único campo de estudo das ciências positivas, mas sim a um determinado entendimento da “normatividade interna” das regiões mesmas. Por isso, segundo Heidegger (2011, p. 44), a pergunta pela φύσις questiona o que é “[...] a própria vida, o que é a alma, o vir-a-ser e o perecer (γένεσις e φθορά), o que é o acontecimento como tal, o que é o movimento, o lugar, o tempo, o que é o vazio, no qual o que está em movimento se movimenta, o que é na totalidade este ente [...]”.

A φυσική questiona pelo ente enquanto tal e na totalidade, no entanto, está implícito no seu modo-de-questionar certo sentido de ser em geral que concede ao ente um primado. De acordo com Heidegger (2014a, p. 320), é porque o conhecimento da φύσις parte de uma consideração sobre a άρχή do ente em geral que a possibilidade de aprofundamento no ente e em determinadas regiões do ente (p. ex., natureza, cosmos, partículas, reino animal, cultura, sociedade, etc.) se tornou maior do que a possibilidade de colocar em questão o próprio caráter ôntico do domínio do ente. É por isso que a investigação do ente e de suas regiões passou a ser considerada a própria φυσική – e então *scientia physica* –. Dessa forma, as considerações acerca do caráter ôntico do ente ficaram em segundo plano como algo complementar (e, por isso, o “*a priori*”), isto é, como algo subordinado ao primado do ente e à *scientia physica*. Φύσις passou a ser sinônimo de τὰ φύσει όντα, τὰ φυσικά, o ente natural. Assim, a pergunta pela άρχή se articulou em vista de uma fundamentação da própria φυσική compreendida enquanto ciência dos entes físicos. Neste sentido, o conhecimento sobre o caráter ôntico do ente, como algo

⁵ Para Heidegger (1999, p. 44-45) φύσις enquanto natureza evoca o que sai ou brota de dentro de si mesmo, é o viger (*Walten*) daquilo que brota e permanece. Lexicamente o termo φύσις retém um parentesco com φύειν (crescer, fazer crescer). Por isso a φύσις assinala o surgir (*Ent-stehen*) originário das coisas: a saída do não-ser para o ser.

elucidativo em relação à φυσική, só poderia ser então concebido como o *post physicam*, ou, em grego, como μετά τὰ φυσικά: o que é colocado como questão depois da física com o fito de esclarecê-la.

Entretanto, de acordo com Heidegger, “tal saber dos φυσικά não é apenas *post physicam*, mas, também, *trans physicam*.” (2014a, p. 320). A pergunta que vai além da física procura por aquilo que determina e fundamenta o ente enquanto tal e na totalidade na tentativa de estabelecer uma resposta “segura” fora do próprio ente (na entidade), ou melhor, se trata da busca por algo de permanente naquilo que é mudança e movimento. Dessa forma, a μετά τὰ φυσικά também trata do que “[...] se lança para fora da φυσικά e se direciona para um outro ente, para o ente em geral e para o que é verdadeiramente o ente.” (HEIDEGGER, 2011, p. 52). Tanto o perguntar sobre a ἀρχή quanto o perguntar da questão τί τὸ ὄν equivalem desse modo à metafísica. Μετά τὰ φυσικά significa transcender do ente para entidade de maneira que aquilo que se encontra em jogo é o modo como esse posicionamento necessariamente possui como ponto de partida e direção o ente, isto é, o primado do ente como medida. Metafísica é propriamente isto: um modo de questionar que sempre permanece guiado pelo domínio ôntico do ente. Não por acaso Heidegger (2014a, p. 320) denomina a questão sobre o ente como a questão diretriz (*Leitfrage*) da metafísica.

A questão “o que é o ente?” se estabelece como questão diretriz da metafísica porque coloca em marcha no pensamento ocidental um determinado modo-de-questionar e com ele uma tarefa: a busca por uma resposta definitiva à questão sobre o ente. Essa tarefa guiou a história da filosofia da Grécia Antiga de Platão até a modernidade de Nietzsche. Contudo, o que não aparece à primeira vista é o fato de que a tarefa da questão diretriz, mesmo em meio suas diversas configurações, nunca deixou de ser tratada propriamente como tarefa, isto é, toda preocupação em relação à questão diretriz sempre se deu como preocupação em respondê-la. O resultado disso é que quanto mais a pergunta pelo ente foi colocada, e, com isso, se tornando uma demanda que pode-ser-entendida-por-si-mesma, cada vez mais a questão diretriz foi se retraindo como questão. Assim, a pergunta sobre a própria questão diretriz caiu no esquecimento. Nos diz Heidegger (2014a, p.321), em sua própria articulação a pergunta pelo ente não foi desdobrada.

Uma vez que a questão diretriz não é desdobrada em si mesma, o que se passa com a metafísica é o surgimento de diversas posições fundamentais em relação ao ente enquanto tal e sua ἀρχή. Cada novo começo (*Beginn*) da tradição metafísica desponta sempre com novos limites, compreensões e interpretações sobre o ente de modo que cada época possui a sua própria configuração essencial (*Wesengestalt*). O impasse, segundo Heidegger (2015, p. 77), é que mesmo em meio às vicissitudes do pensamento ocidental, a metafísica não abandona o ente como estabelecimento (*Ansetzung*) e direção (*Richtung*). Aliás, é a partir do modo como o ente na totalidade é previamente experimentado em seu desvelamento – p. ex. como φύσις, *ens creatum*, materialização de um Espírito Absoluto ou Vontade de Poder – e junto da maneira como ele é compreendido em sua ἀρχή que a questão diretriz encontra sua posição inicial para empenhar-se na busca por uma resposta. Para Heidegger, esse posicionamento, que nunca é desdobrado em si mesmo, já se refere ao significado da expressão “posição fundamental” que, por questionar a partir do ente em vista do ente, é também posição fundamental essencialmente metafísica. No *Nietzsche I*, lê-se:

Com a questão diretriz, quer estejam despertados para ela ou não, os próprios questionadores, assim como todos aqueles que configuram e fundamentam o seu saber e a sua ação no interior do domínio da respectiva resposta à questão diretriz [*Leitfrage*], adotam uma posição [*Stellung*] no ente na totalidade e em relação ao ente na totalidade. Porque essa posição emerge da questão diretriz e com ela, e porque a questão diretriz é o elemento propriamente metafísico na metafísica, denominamos a posição que tem lugar com a questão diretriz que não é ela mesma desdobrada: a *posição metafísica fundamental*. Com isso, podemos definir o conceito de posição metafísica fundamental por meio da seguinte sentença: a posição metafísica fundamental expressa o modo como o questionador da questão fundamental permanece inserido na articulação não desdobrada expressamente da questão fundamental e o modo como ele finca pé [*Stehen*] por meio daí no ente na totalidade e em relação ao ente na totalidade. (HEIDEGGER, 2014a, p. 321)

Temos agora uma visualização da questão diretriz da metafísica: o esforço do pensamento em vista de responder à pergunta pelo ente ao passo que a pergunta mesma recua enquanto questão e escapa do pensamento. Contudo, aqui podemos nos interrogar se essa visualização da questão diretriz estaria suficientemente clara e satisfatória. Aos olhos do próprio Heidegger (2014a, p. 322) uma posição metafísica fundamental e, por conseguinte, as posições fundamentais da história da metafísica, “[...] só conquistam uma claridade e uma determinação essenciais se a questão diretriz da metafísica e, com isso, esta mesma forem desdobradas em sua essência.” Isto significa que sem o desdobramento da questão diretriz da metafísica – e então o desdobramento da própria metafísica – o conceito de “posição metafísica fundamental” bem como as posições fundamentais particulares que se manifestaram ao longo da história do Ocidente permanecem não tematizadas e, portanto, obscuras. Assim, para que o pensamento questionador não recaia no âmbito não desdobrado da questão diretriz, permanecendo na superfície e na mera repetição de posições fundamentais acerca da pergunta pelo ente, se faz necessário um desdobramento autêntico da questão diretriz, quer dizer, um retorno àquilo que é o próprio da questão diretriz.

O desdobramento da questão diretriz na questão fundamental da metafísica

A questão diretriz da metafísica se trata da interrogação $\tau\acute{\iota}\ \tau\acute{o}\ \acute{o}\nu$ – “o que é o ente?” –. Para Heidegger podemos nos ocupar dessa questão de duas maneiras: em primeiro lugar, nos ocupamos do tratamento (*Behandlung*) da questão, isto é, da tentativa de respondê-la seguramente. Em segundo lugar, nos ocupamos do desdobramento (*Entfaltung*) da questão, quer dizer, da maneira como colocamos o próprio perguntar de modo mais essencial e visualizamos a partir daí o campo das determinidades que se abrem na apropriação desse modo-de-questionar. Nos deparamos aqui com uma diferença significativa: o desdobramento da questão diretriz da metafísica não exige uma resposta à pergunta pelo ente, diferente disso, o desdobrar se volta de modo mais originário para a própria questão diretriz e a coloca como alvo do pensamento questionador. Somente depois de resolvido o desdobramento da questão diretriz é que seu tratamento pode ocorrer de modo mais autêntico e adequado.

O desdobramento da questão $\tau\acute{\iota}\ \tau\acute{o}\ \acute{o}\nu$, menciona Heidegger (2014a, p. 323), “traz à luz a questão diretriz como tal em sua não originariedade [*Nichtursprünglichkeit*]”. O caráter de “não originariedade” da questão diretriz aponta para o fato de que a pergunta pelo ente se encontra apoiada e conduzida por

um posicionamento mais originário: a questão fundamental (*Grundfrage*) da metafísica. Com a visualização da questão fundamental começa desdobramento da pergunta pelo ente:

Isso em direção ao que a questão se movimenta é, visto a partir da própria questão, o interrogado [*Be-frage*]. Nós o denominamos o campo da questão. Mas esse campo, o ente na totalidade, não é transpassado de maneira questionadora para que possamos apenas tomar conhecimento dele em sua multiplicidade inabarcável, apenas para que nos mantenhamos aí e o tornemos familiar para nós. Ao contrário, a questão se dirige, de antemão, para o ente na medida em que ele está sendo. Pergunta-se por algo próprio e pelo maximamente próprio ao interrogado. Como devemos denominá-lo? Se interrogarmos o ente unicamente em vista do fato de ele ser um ente, em vista do ente como ente, então visaremos nesse caso com a questão o que é o ente ao que torna o ente um ente; isso que torna o ente um ente é o seu caráter ôntico, ou, em termos gregos, a οὐσία do ὄν. Estamos interrogando o ser do ente [*das Sein des Seienden*]. (HEIDEGGER, 2014a, p. 324)

Com a delimitação do campo da questão (o ente na totalidade), aquilo de que se pergunta – o questionado (*das Gefragte*) – se revela como o ser do ente. Contudo, segundo Heidegger (2015, p. 77-78), onde a metafísica mira o ser em geral, ela acerta apenas a entidade do ente (*Seiendheit des Seienden*) já que explica o ser a partir do ente. Isso se dá porque na pergunta pela entidade do ente o pensamento visa aquilo que efetivamente se mostra como o permanente nas mudanças do ente. Por essa razão, Heidegger (2012, p. 71) afirma que a οὐσία (entidade) significa “presentidade constante [*ständige Anwesenheit*]”.⁶ O termo “οὐσία” como sinônimo de presentidade constante expressa generalidade, o κοινόν do ente, isto é, a maneira como os múltiplos modos-de-ser possíveis do ente são reduzidos à simples diferença entre ser e não-ser na qual “ser” significa “ser presente à vista”, ou, no latim, *existentia*.⁷ Quanto a isso, ser é existir no sentido de “realidade efetiva” (*Wirklichkeit*), ou melhor, no sentido de “encontrar-se desde então aí presente” (HEIDEGGER, 2012, p. 90). Assim, sendo o ser aquela presença constante no ente, o próprio ser é concebido como fundamento do ente, pois, é a partir dessa presentidade constante que se pode dizer do ente o que ele é, no entanto, onde o ser aparenta ter alguma primazia, em verdade, ele já se encontra entificado, isto é, na medida do ente. Mais uma vez mais: “em todas as modulações e secularizações da metafísica ocidental, isso pode ser uma vez mais reconhecido: o ser a serviço do ente, mesmo quando ele, enquanto causa, tem aparentemente o domínio”. (HEIDEGGER, 2015, p. 226)

Daqui em diante, para darmos sequência ao desdobramento da questão diretriz e, agora, à explicitação da questão fundamental da metafísica – pois somente

⁶ A questão da οὐσία, conforme os apontamentos de Heidegger (2012, p. 86), se traduz na questão da substancialidade (*Substantialität*): “*Substantia: id quod substat*, o que se encontra subjacente: ὑπόστασις”. Esse ὑπό indica também ὑπόμεινον: “aquilo que permanece em meio à mudança das propriedades, ou seja, o que se mantém o mesmo junto a uma alteração dessas propriedades e, assim, em meio à transformação da coisa, aquilo que, como mantido, permanece por assim dizer fixo: κείσθαι.”

⁷ Ao passo que *essentia* aponta o ser-o-que do ente, a *existentia* indica o fato-de-ser (*Daß-Sein*) do ente: a sua realidade efetiva. “Trata-se da tradução do termo latino *actualitas – ens in actu*: esse é um ente, na medida em que ele se encontra efetivamente presente à vista; diferente do *ens ratione*, do *ens in potentia*, do ente, na medida em que ele é uma mera possibilidade. [...] é a tradução do termo grego ἐνέργεια” (HEIDEGGER, 2012, p. 88)

a apresentação do modo como o ser é compreendido não é ainda suficiente para o nosso propósito – é necessário concentrarmos nossa atenção àquilo que emerge junto dessa delimitação e que, no entanto, se oculta para o pensamento metafísico. De imediato, duas coisas vêm ao nosso encontro: primeiramente, o fato de que a pergunta pelo ente tem em vista não um ente particular ou uma região de entes específica, mas o ente na totalidade, quer dizer, “[...] tudo o que não é pura e simplesmente nada.” (HEIDEGGER, 2014a, p. 192). Ademais, o fato de que a meta da questão – o ser do ente – já é delimitada ao mesmo tempo em que se define o campo da questão, isto é, o interrogado. Se no limite do campo da questão nos deparamos com o nada, “[...] a negação do ente na totalidade, o puro e simplesmente não-ente” (HEIDEGGER, 2008, p. 118), o que se passa com a meta da questão? Segundo Heidegger, devido sua correspondência com o campo da questão, a meta também experimenta uma proximidade com o nada. Este “nada” com o qual aqui nos deparamos no limite do campo e na meta da questão não é o nada como *nihil absolutum*, mas o nada enquanto dotado de significado: o nada que remete ao ser do ente. Em um dos escritos publicados de Heidegger, nomeado *O que é metafísica?* (1929), lê-se:

O nadificar [*Nichten*] do nada não é um episódio casual, mas, como remissão (que rejeita) ao ente na totalidade que se evade, ele torna manifesto esse ente em sua plena, até então oculta, estranheza como o pura e simplesmente outro – em face do nada. (HEIDEGGER, 2008, p. 124)

Conforme Heidegger (2008, p. 125), somente com o “nada” é que se mostra o desvelamento originário do ente enquanto tal: nele o ente surge como aquilo é, e não nada.⁸ Neste sentido, o nada se dá como a própria possibilitação prévia da manifestabilidade (*Offenbarkeit*) do ente. Por isso Heidegger (2014a, p. 324) menciona que “o nada do ente segue ao ser do ente como a noite ao dia. Como poderíamos chegar a ver e experimentar o dia como dia se não houvesse a noite!”. Nessa proximidade entre o ser do ente e o nada algo que até então se manteve não visualizado na tarefa do desdobramento da questão diretriz vem à tona: ao passo que o nada se dá como não-ente e o pensamento se retém nesse nada, isso significa que o pensar já está sempre além (*μετά*) do ente (*φύσις*). A saber, esse ultrapassamento do ente enquanto tal e na totalidade pelo pensamento é propriamente metafísico (*μετά τὰ φυσικά*). Aquilo que se manteve até aqui insinuado se mostra agora como a ligação entre transcendência e metafísica. O desdobramento da questão diretriz na questão fundamental da metafísica põe o próprio pensar – e, com isso, nós que pensamos – em questão. Desse modo, uma determinada região do campo da questão se mostra ligada à meditação sobre o ente enquanto tal e na totalidade: o *Da-sein*. Pois “a pergunta sobre o ser carece do horizonte transcendental.” (HEIDEGGER, 2009, p. 233).

O termo *Da-sein*, que Heidegger emprega para designar a abertura constitutiva do ente humano como ser-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*) – este ente que tem entre suas possibilidades-de-ser a modalidade do perguntar (podendo colocar em curso tanto a tarefa quanto o desdobramento da questão diretriz) – significa, entre outras coisas, “estar suspenso dentro do nada” (HEIDEGGER, 2008, p.125). A

⁸ O ente perde o seu caráter de poder-ser-entendido-por-si-mesmo como ente. Por isso a questão fundamental da metafísica também se traduz na fórmula: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” (HEIDEGGER, 1999, p. 33).

expressão “dentro do nada” não significa “no vazio puro e simples” e nem se trata de um mero juízo niilista sobre a existência, mas o contrário: o pensar, em contraste com o nada, acolhe e apreende o ente, o ser e a possibilidade de não-ser (a finitude). Por esse motivo Heidegger afirma que essa ultrapassagem do ente tem o mesmo sentido de “transcendência” (*Transzendenz*), afinal, se o *Dasein* “[...] não exercesse o ato de transcender, o que significa agora, se ele não estivesse retido desde o princípio no nada, então ele jamais poderia assumir um comportamento em relação ao ente e, portanto, também em relação a si mesmo.” (HEIDEGGER, 2008, p. 125). O *Dasein* somente pode colocar o ente enquanto tal e na totalidade como questão porque ele se suspende no nada, isto é, se mantém em um prévio (pré-conceitual) entendimento-de-ser (*Seinsverständnis*): ele é a condição de possibilidade do comportamento em relação ao ente em geral.⁹ “Perguntamos: o que precisa acontecer para que um ente possa ser manifesto? Precisa haver o nada. O que precisa acontecer para que haja o nada? O mundo ou a transcendência.” (HEIDEGGER, 2009, p. 421).

Portanto, a transcendência do *Dasein* não significa: sair do sujeito (consciência) e passar para um objeto (o transcendente em vista do que saímos). A transcendência é a ultrapassagem do ente, ou melhor, o fato de que o *Dasein* já se encontra em relação com o ser enquanto o não-ôntico (o ser em geral), mesmo que não o conceba de modo explicitamente ontológico.¹⁰ Estar para além do ente (suspensão no nada) é algo que ocorre na própria essência do *Dasein* de modo que a transcendência caracteriza a própria metafísica. Isto significa que a metafísica não é simplesmente o nome que indica determinado campo da filosofia ou o agregado da literatura filosófica ocidental, antes, a metafísica pertence à “natureza do ser humano”, ou melhor, “a metafísica é o acontecimento fundamental do ser-aí [*Dasein*]. Ela é o próprio ser-aí [*Dasein*].” (HEIDEGGER, 2008, p. 132). Assim, a metafísica, resgatada em seu sentido originário como a ultrapassagem do ente, e, portanto, transcendência, nos remete ao fato de que o *Dasein*, ainda que não saiba explicitamente nada sobre metafísica, já se encontra dentro da metafísica porque a metafísica está nele e lhe pertence, e, com efeito, no sentido de que o *Dasein* já sempre realiza a si mesmo metafisicamente, isto é, transcendendo.

É justamente porque na transcendência do *Dasein* reside um entendimento-de-ser que a metafísica não precisa, ao menos a princípio, de um esforço hercúleo para conceber e buscar para si um tema qualquer: o próprio *Dasein* em sua essência – enquanto transcendente que torna manifesto o ente em sua estranheza – carrega em si a possibilidade da pergunta pelo ser e pelo sentido do ser. No entanto, uma vez que a metafísica é o acontecimento fundamental do *Dasein*, isso também que significa que “pelo fato da metafísica residir neste fundamento abissal [*abgründigen Grunde*], ela sempre possui à espreita, como vizinhança mais próxima, a

⁹ A transcendência remete ao fato de que “a ‘essência’ do *Dasein* reside em sua existência [*Existenz*].” (HEIDEGGER, 2014b, p. 139). *Existenz* diz respeito ao “estar fora” (*ex-*) de “onde se está” (*-sistere*). O *Dasein* não é uma subjetividade *a priori* que tem de se relacionar *a posteriori* com o mundo, pelo contrário, o *Dasein* é justamente o ente que se determina por essa relação com o mundo, por essa abertura (*Erschlossenheit*) que no pensamento heideggeriano tardio é considerada a própria clareira do ser (*Seinslichtung*).

¹⁰ Na transcendência do *Dasein* reside um prévio entendimento-de-ser (*Seinsverständnis*). No *Ser e Tempo* se observa: “Não sabemos o que ‘ser’ significa. Mas já quando perguntamos ‘que é ser?’ nos mantemos em um entendimento do ‘é’, embora não possamos fixar conceitualmente o que o ‘é’ significa.” (HEIDEGGER, 2014b, p. 41).

possibilidade do erro mais profundo.” (HEIDEGGER, 2008, p. 132). Um tal errar (*Irrren*) diz respeito a um traço ontológico do *Dasein* que, em sua existência, é também marcado por uma insistência (*Inständigkeit*) na realidade corrente em meio ao ente, se preocupando em seu cotidiano ora com um ente ora com um outro, e, com isso, se desviando do mistério (*Geheimnis*), o centro do ser.

Por conta da existência insistente do *Dasein*, o pensamento metafísico possui a tendência de perguntar pelo ser a partir do domínio ôntico do ente. Como ente entre entes, o *Dasein* não pode abandonar a sua própria perspectiva e “olhar” com neutralidade hermenêutica para o ser mesmo. Daí que a metafísica, o estar além do ente, pertence à essência do *Dasein* humano ao mesmo tempo que o pensamento se mostra incapaz de se libertar da dominação daquilo que habitual e cotidianamente é o mais próximo e, assim, cada vez mais aquilo a partir de que se fala, se vê e se pergunta. Diferente disso, uma tematização expressa da transcendência, e, portanto, da metafísica é uma postura apenas do pensamento que se encontra disposto a rememorar o mistério e a entender que o essencial permanece velado na simplicidade e na originalidade do próprio *Dasein* que já retém metafisicamente em si mesmo essa libertação, isto é, a possibilidade de pensar o ser em sua diferença ontológica¹¹. Em vista disso, onde quer que a metafísica venha de encontro como disciplina acadêmica ou mero compilado de problemas filosóficos sobre o conhecimento do mundo exterior, a demonstrabilidade da existência de Deus ou a ética, é preciso deixar que a questão fundamental da filosofia, “o que é o ser?” sobressaia e se torne uma questão para o pensamento. É necessário formular uma vez mais a pergunta pelo ser a partir da compreensão de que essa formulação já caracteriza o prévio entendimento-de-ser do *Dasein* e, portanto, a sua abertura para o ser em geral.

A transcendência é a essência fundamental do *Dasein* e expressamente tematizada se trata da pergunta pelo ser do ente. É nesse sentido que a questão fundamental da metafísica não pode ser concebida à parte do horizonte transcendental: não porque o *Dasein* constitui ser, mas porque o ser somente se revela no *Dasein*. Por isso Heidegger pensa que a meditação sobre o ser necessita primeiramente de um desencobrimento das estruturas ontológicas do *Dasein*, quer dizer, a pergunta pelo ser precisa responder no que se funda a possibilidade da abertura do ser. Neste recorte, é preciso se voltar para aquilo que também funda a possibilidade interna da transcendência do *Dasein*: a temporalidade (*Zeitlichkeit*), melhor dizendo, o tempo como horizonte transcendental para a pergunta pelo ser. É no interior desse percurso que a questão fundamental da metafísica se desencobre como a questão sobre ser e tempo, o nexos ontológico a partir do qual se pode questionar o ser em geral em sua própria temporalidade (*Temporalität*), ou, como fará Heidegger no período tardio de seu pensamento, o ser em sua essênciação (*Wesung*): o acontecimento apropriador (*Ereignis*).

Ser, tempo e *Dasein* - Considerações finais

¹¹ A diferença entre o ontológico e o ôntico como a diferença entre o ser em geral e o ser dos entes, ou simplesmente, a diferença entre ser e ente.

Na história da metafísica o ser do ente (a entidade) é interpretado como presentidade constante. A presentidade (*Anwesenheit*), a presença, ou ainda, o ser-presente, é compreendido em contraposição ao passado e ao futuro. Na presentidade está implícito um caráter temporal. A constância (*ständig*) da presentidade, por sua vez, se refere ao perdurar em meio ao agora. O agora é, do mesmo modo que a presença, uma determinação temporal. A presentidade constante tem sempre em vista um momento do tempo: o presente. De acordo com isso, o ser é compreendido à luz do tempo. Daqui uma série de questões emerge: Como é possível que o tempo dê a entender algo como o ser? Por que justamente o tempo? E, mais ainda, por que precisamente o tempo enquanto tempo presente? Como ser e tempo adquirem esse nexos ontológico originário? O que é o tempo mesmo? O que é o ser mesmo? O que é a relação ser e tempo? Tais questões revelam que a autoevidência das coisas cotidianas ficou para trás: Deixando de lado a tarefa de responder à questão diretriz da metafísica, Heidegger, a deixou diante do fundo abissal de sua própria questionabilidade.

Na vizinhança desse abismo a questão diretriz da metafísica se mostrou sustentada e conduzida por uma questão ainda mais originária: a questão fundamental da metafísica onde o tema do questionamento pelo ente se mostrou a pergunta pelo ser do ente que, no que lhe concerne, deixou assinalado um entendimento-de-ser: o ser como presentidade constante. Tal entendimento-de-ser é o que permaneceu não tematizado na história da metafísica. Certamente o ser como questão e, do mesmo modo, o tempo como questão, não se tratam de uma inovação no pensamento filosófico do Ocidente. Pensadores decisivos da metafísica ocidental – entre eles Nietzsche, Hegel, Kant, Aristóteles, Platão – colocaram como problema tanto o ser quanto o tempo. Contudo, perguntar pelo ser e pelo tempo não quer dizer entender o problema que passa com a relação ser e tempo. Na história da metafísica, como compreende Heidegger, a relação ser e tempo, ou ainda, o significado do “e” que une ambos, permanece encoberto como questão para o pensamento.

Somente com o desdobramento da questão diretriz e, com ela, a explicitação da questão fundamental, é que a relação ser e tempo pode de início ser expressamente tematizada. Daí, do fundo da questão fundamental da metafísica, aquilo sobre o que é preciso perguntar, e sobre como temos de perguntar, se mostra como o nexos ontológico entre ser e tempo. Aqui, o interesse do questionamento heideggeriano já não pergunta exclusivamente pelo ser e nem pelo tempo apenas. Seu empenho diz respeito à copertinência intrínseca da essência do ser e da essência do tempo e o que emerge disso. Contudo, essa copertinência é experimentada pelo pensamento de modo unilateral: primeiro a questão da essência do ser em vista da essência do tempo e, então, a questão da essência do tempo em vista da essência do ser. Embora o desdobramento da questão diretriz já havia anunciado a relação entre ser e tempo, somente agora essa questão aparece de modo diverso: para Heidegger, a questão sobre o ser deve pensar o tempo e, no entanto, o tempo não pode ser explicitado sem a orientação essencial e tematizada do problema do ser. Por outro lado, permanece ainda o fato de que a questão pelo tempo possui uma ligação eminente com uma região determinada e, assim, destacada do ente na totalidade. Essa região é o próprio ser humano, não porque dele deriva algo como o tempo, mas sim porque ele é o ente que conduz o tempo à claridade. Para Heidegger, o *Da-sein* do ser humano é o sítio do tempo.

Na medida em que o tempo possui essa ligação com o *Dasein* – o ente cujo sentido de ser é a temporalidade – a questão pela essência do tempo conduz o pensamento para o interior do questionamento sobre a essência do *Dasein*. Entretanto, a questão da temporalidade do *Dasein* e a questão acerca da essência do tempo enquanto tal permanecem ainda distintas, não são uma e mesma pergunta. Neste ponto, é preciso não perder de vista a posição de Heidegger: perguntamos pelo tempo em vista do ser, isto é, enquanto o ser pode ser entendido a partir do tempo. Assim, a questão pela essência do tempo não é uma questão fechada em si mesma, ela é orientada pela questão do ser, ou ainda, por aquilo que questionamos e buscamos saber sobre o ser. Contudo, o acesso ao problema do ser (no qual a questão pelo tempo se articula) só é possível por meio de um entendimento-de-ser. Mas, o entendimento-de-ser, por sua vez, é um modo-de-ser do *Dasein* de maneira que perguntar pelo ser é também perguntar por algo determinado no *Dasein*, pelo entendimento-do-ser. Porém, com base no pensamento de Heidegger, não podemos nos desviar do fato de que o entendimento-de-ser do *Dasein*, enquanto sua transcendência, não é apenas mais uma modalidade entre outros modos-de-ser possíveis: ela é a própria condição de possibilidade do comportamento do *Dasein* em relação à si mesmo e em relação aos demais entes do mundo. Sem o entendimento-de-ser o *Dasein* não seria ele mesmo um *Dasein*. O entendimento-de-ser é, portanto, o fundamento da possibilidade da essência do *Dasein*, a existência (*Existenz*).

Tanto a pergunta pelo ser quanto a pergunta pelo entendimento-de-ser conduzem de modo inevitável o pensamento ao questionamento pela essência do *Dasein*. Em tal caso, se a questão do ser pertence à questão do tempo, sendo a questão do tempo o alicerce fundamental para a questão do ser, logo, é necessário perguntar pelo tempo em vista do *Dasein*. Assim, o questionamento sobre o tempo deve ser compreendido já de saída como fundamento da possibilidade do entendimento-de-ser do *Dasein*, isto é, como o próprio fundamento da possibilidade da essência do *Dasein*. Com isso, a questão sobre a essência do ser e a questão sobre a essência do tempo são, em última instância, questões sobre o *Dasein*, ou melhor, sobre o fundamento de sua essência. Por esse motivo, até mesmo a questão sobre o “e” do nexos ontológico entre ser e tempo transpassa a dimensão do *Dasein*. O desdobramento da questão diretriz revela o mais pesado dos fardos que se abate sobre o *Dasein* e seu fundamento.

Referências Bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *A Essência da Liberdade Humana: Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012. Original: Vom Wesen der menschlichen Freiheit: Einleitung in die Philosophie, GA, Bd. 31.

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à Filosofia (Do Acontecimento Apropriador)*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. Original: Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis), GA., Bd. 65.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. Original: Einleitung in die Philosophie. GA., Bd. 27.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. Original: Einführung in die Metaphysik. GA., Bd. 40.

HEIDEGGER, Martin. *Marcas do Caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini, Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008. Original: Wegmarken, GA., Bd. 9.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Volume único. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014a. Original: Nietzsche I. GA., Bd 6.1.

HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo – Finitude – Solidão*. Trad. Marco Antonio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. Original: Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt – Endlichkeit – Einsamkeit. GA, Bd. 29/30.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Edição bilíngue. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014b. Original: Sein und Zeit, GA., Bd. 2

Recebido em: 02/2023
Aprovado em: 08/2023